

COMO O JOGO TEM CONTRIBUIDO PARA O DESENVOLVIMENTO INFANTIL

Flávia Roberta dos Santos Pereira¹

Litza Pereira Santos²

Karen Santos Amorim³

Lílian Miranda Bastos Pacheco⁴

Resumo: *Este trabalho busca investigar como o tema jogo tem sido abordado nas produções acadêmicas divulgadas nas bases de dados Index Psi e Scielo. Para tanto, foram utilizados como critérios: frequência da publicação, das categorias de análise, dos autores e de gênero, e objeto de estudo e conclusão. Nesta busca encontrou-se 117 resumos, os quais foram classificados nas seguintes categorias: agressividade; cultura; crianças hospitalizadas ou portadoras de necessidades especiais; meninos de rua; relações interpessoais e gênero. Conclui-se que o jogo é um objeto de estudo que, além de favorecer o desenvolvimento infantil, possibilita também que a criança construa e reinvente a cultura da qual faz parte.*

Palavras-chave: Estado da arte; Educação Infantil; Jogos; Brincadeiras.

Os jogos vêm fascinando a humanidade desde seus primórdios. Segundo HUIZINGA (1993), o jogo pode ser encontrado na cultura, como um elemento existente antes da mesma, acompanhando-a e marcando-a. Na tentativa de resumir as características formais do jogo, o autor considera-o uma atividade livre, conscientemente tomada como não-séria e exterior à vida habitual, contudo é capaz de absorver o jogador de maneira intensa e total. Possui regras; caráter temporário e fictício.

A atividade lúdica solicita do indivíduo uma postura ativa, crítica e autônoma; a criação de estratégias próprias, desenvolvendo o pensamento e estimulando o raciocínio, além de trabalhar aspectos afetivos e morais, mostrando que ganhar e perder faz parte da vida.

Diante da importância do jogo, principalmente para a formação das crianças, este trabalho buscou verificar como anda a produção acadêmica sobre o referido tema, nas bases de dados *Index Psi* e *Scielo*, observando os títulos, palavras-chave e resumos. Para tanto, utilizou-se como descritores as palavras jogo(s) e criança (s). O universo de estudos listados no descritor jogo e criança diverge se utilizarmos esses termos no singular ou no plural. Por isto a consulta foi feita nos dois casos. Os resumos dos artigos foram analisados obedecendo aos seguintes critérios: frequência da publicação, das categorias de análise, dos autores e de gênero e objeto de estudo e conclusão.

¹ Acadêmica do Curso de Pedagogia pela Universidade Estadual de Feira de Santana – DEDU/UEFS – BA. Membro do Grupo de Estudos e Pesquisa em Educação Infantil – GEEI. Bolsista PROBIC/UEFS.

² Acadêmica do Curso de Pedagogia pela Universidade Estadual de Feira de Santana – DEDU/UEFS – BA. Membro do Grupo de Estudos e Pesquisa em Educação Infantil – GEEI. Bolsista FAPESB.

³ Acadêmica do Curso de Pedagogia pela Universidade Estadual de Feira de Santana – DEDU/UEFS – BA. Membro do Grupo de Estudos e Pesquisa em Educação Infantil – GEEI.

⁴ Doutora pela Faculdade de Educação pela Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP. Professora Adjunta do Departamento de Educação da Universidade Estadual de Feira de Santana – DEDU/UEFS – BA. Coordenadora do Grupo de Estudos e Pesquisa em Educação Infantil – GEEI.

FREQÜÊNCIA DA PUBLICAÇÃO

A base de dados *Index Psi* reúne literatura técnico-científica em Psicologia e áreas afins, publicadas em mais de 160 periódicos brasileiros desde 1949. Já a base *SciELO* apresenta artigos de todas as áreas, veiculados em 180 periódicos científicos nacionais e internacionais, a partir de 1997. Portanto, o universo de dados dessas duas bases uma parte se repetem e outra se complementam, abrangendo um espectro um pouco mais vasto dos estudos sobre jogo infantil.

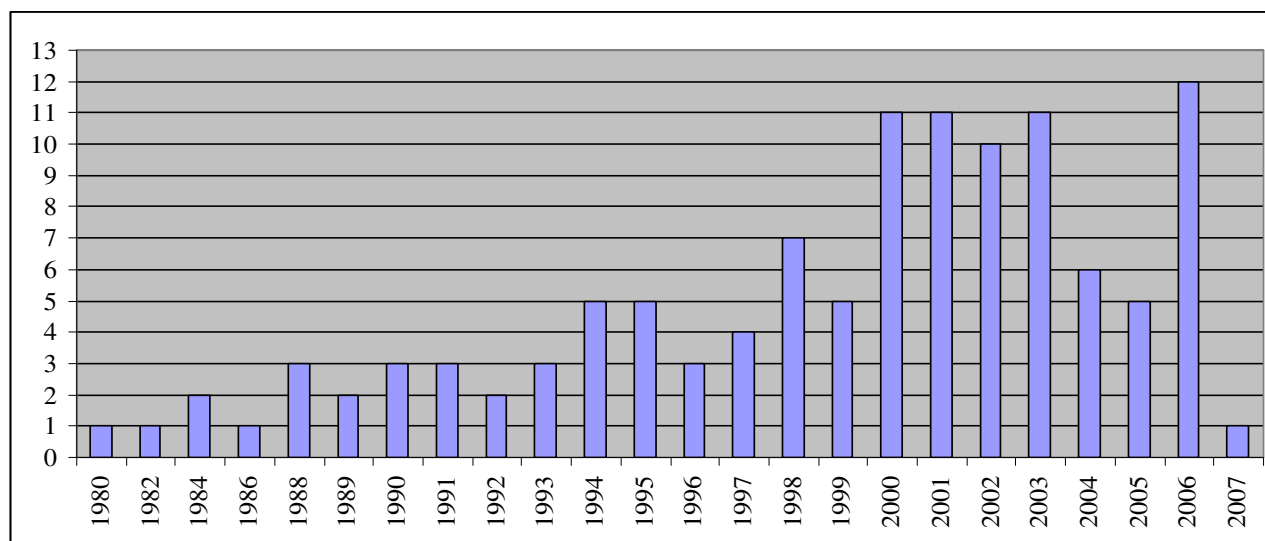


Figura 1 – Frequência de Publicações por Ano

A Figura 1 mostra a frequência de publicações sobre o tema jogo infantil nas duas bases de dados. Ao todo foram encontrados 117 artigos. Nota-se que mesmo tendo artigos desde 1949, o referido tema só começa a aparecer em 1980, tendo uma maior incidência a partir de 2000, apresentando uma pontuação máxima em 2006, com doze publicações no ano.

FREQÜÊNCIA DAS CATEGORIAS DE ANÁLISE

Os artigos sobre jogos e crianças foram agrupados em sete categorias de análise, como pode ser observado na Figura 2.

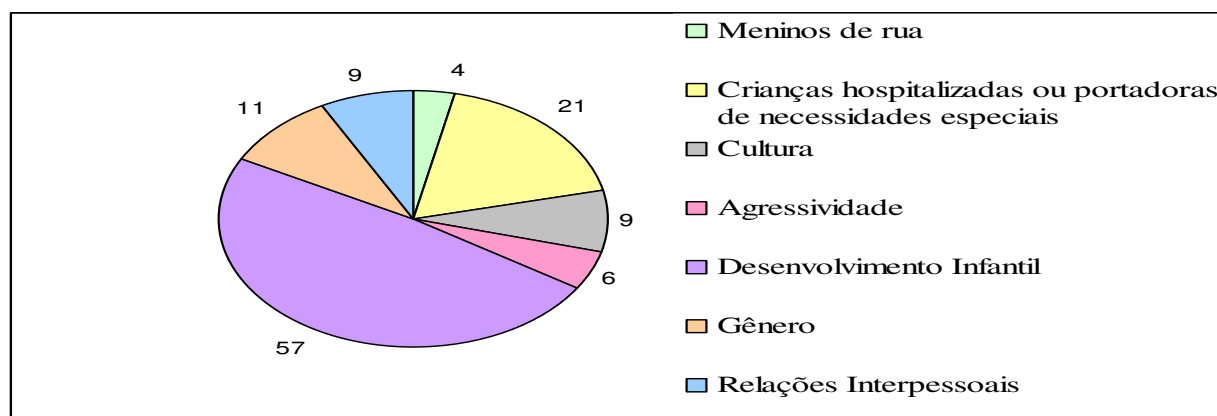


Figura 2: Frequência da categoria de análise

Observa-se na Figura 2 que a categoria que reuniu maior número de artigos foi a de desenvolvimento infantil, enquanto a de meninos de rua agrupou apenas 4 estudos.

Como a categoria de desenvolvimento infantil apresentou um número expressivo de 57 artigos, este material foi examinado a parte, a fim de poder fazer uma análise mais detalhada.

FREQÜÊNCIA DOS AUTORES E DE GÊNERO

Dos 117 artigos, 50 foram escritos individualmente e 67 por duplas ou grupos de até nove pessoas, totalizando 199 autores. Destes, 29 são homens (14,57%) e 170 (85,43%) são mulheres. Observa-se a predominância da presença feminina nas pesquisas que tratam da Educação Infantil, confirmando a tendência já observada em outros estudos (PACHECO, PEREIRA, SANTOS, 2007).

OBJETO DE ESTUDO E CONCLUSÃO

Agressividade

Tanto Sager e Sperb (1998), como Cruz e Carvalho (2006), investigam conflitos em instituições públicas, considerando o gênero das crianças. Os primeiros autores mostram que os meninos têm maior conflito nas brincadeiras simbólicas na sala de aula, enquanto para as meninas está nos jogos de acoplagem. Observaram ainda, que quando ambos brincam juntos, o problema aparece nos jogos de regras. Já Cruz e Carvalho (2006) concluem que o lúdico e a agressividade aparecem juntos nesse espaço, através da socialização, caracterizando assim os “jogos de gênero”.

O artigo de Gomide (2000) avalia a influência de filmes violentos no comportamento agressivo de adolescentes e crianças. Nos meninos, este comportamento aumentou após assistirem filmes violentos, com heróis. Em se tratando de abuso físico, psicológico ou sexual houve um aumento em ambos os sexos.

Três artigos enfocam a agressividade e o contexto escolar. Carvalho e Smith (1996) analisam as brincadeiras de lutas de crianças, em relação ao status afiliativo dos companheiros durante atividade livre no pátio da escola. Notam que amigos atuam como aliados e os não-amigos como oponentes. Torres e Meyer (2003) investigam agressões e problemas de relacionamento na escola de um menino de 11 anos. Constatam que a criança, a família e a escola apresentam as mesmas queixas, o jogo demonstrou ser um recurso favorável a um maior entendimento dos dados. Araújo e Pérez (2006) procuram desvelar os dispositivos disciplinares que são criados, repetidos, inovados e renovados na prática escolar.

Cultura

Pesquisadores como Meira (2003) e Faria (1999) buscaram identificar contribuições de Benjamin e Mario de Andrade, respectivamente, para se pensar no ser criança. Meira (2003) reflete sobre o brincar e a infância no período contemporâneo. Enquanto que Faria (1999) examina os parques infantis, procurando estabelecer relação entre estes e a consolidação de uma pedagogia para a educação infantil. O primeiro estudo conclui que as crianças têm apresentado dificuldades para desenvolver a habilidade de criação, segundo a autora, isto é uma consequência dos efeitos de condicionamento que a sociedade impõe. Já Faria (1999) finaliza sua pesquisa observando que para Mario de Andrade a brincadeira infantil era a responsável pela preservação

do ser criança, ao mesmo tempo em que reafirmava as tradições populares.

Pontes e Magalhães (2002,2003) nestes dois estudos buscam discutir os fatores ligados à transmissão de cultura da brincadeira. Os autores acreditam que por meio deste estudo poderão descrever com maior precisão as brincadeiras, a frequência em que a aprendizagem ocorre, além de elaborar critérios para compreender com se dá as relações entre as crianças, a constituição do indivíduo e a transmissão da cultura. Por sua vez, Friedmann (1990) discute a importância dos jogos tradicionais para a educação pré-escolar.

De Conti e Sperb (2001) analisam a construção do significado social do brincar em um grupo de crianças pré-escolares, assim como as concepções que professoras e mães possuem sobre o ato de brincar. Duas categorias foram apresentadas como resultado da pesquisa: a primeira é que o gênero da criança é determinante para pensar o brincar; e a segunda, refere-se ao contexto no qual a brincadeira acontece. As crianças estão sendo compreendidas como sujeitos sociais, fazedores de cultura. As observações do brincar testemunham que as crianças, além de redefinirem os papéis sexuais estereotipados do masculino e feminino, reinventam os espaços do brincar criando novas funções para os objetos de sua cultura.

Moraes e Carvalho (1994) problematizam o conceito de brincadeiras de faz-de-conta em crianças pré-escolares a partir de situações de recreação livre, procurando estabelecer relação entre a brincadeira e a realidade. Eles acreditam que, quando brinca, a criança espelha, interpreta e reconstrói o universo de valores e convenções culturais.

Penteado, Seabra e Bicudo (1995) avaliam a compreensão que os profissionais da saúde possuem acerca do brincar na atualidade, destacando que estes podem se tornar verdadeiros aliados na reflexão, tanto sobre que valores e papéis a sociedade capitalista pode desencadear nas crianças, quanto sobre as novas formas de interação entre a criança e a família. Estes autores concebem o brincar como um recurso educativo para a saúde, que pode contar com o auxílio da família em atividades que protejam e promovam o bem-estar da criança.

Kishimoto (2001) problematiza as escolhas e usos de alguns brinquedos e materiais pedagógicos pelos profissionais da primeira infância. A autora conclui que a concepção de criança da rede pesquisada é destituída de autonomia e que, além disso, costuma relacionar a educação infantil à aquisição de conteúdos. Kishimoto, com o seu estudo, faz uma revelação polêmica, existe uma preferência maior por brinquedos e materiais considerados pedagógicos, enquanto que brinquedos que estimulem a simbolização entre as crianças recebem pouca atenção.

Crianças hospitalizadas ou portadoras de necessidades especiais

Fujisawa e Manzini (2006) destacam a importância da utilização de atividades lúdicas no atendimento às crianças, no período da formação acadêmica do fisioterapeuta. A conclusão deste estudo mostrou que as atividades lúdicas são utilizadas pelas mesmas como um recurso terapêutico, e que é preciso deslocar mais atenção ao tema dos jogos e brincadeiras nas disciplinas, reflexões e orientações no estágio supervisionado do curso.

Mitre e Gomes (2004), além de Mello, Goulart, EW, Moreira e Sperb (1999), pesquisam a respeito das concepções que profissionais da saúde tinham acerca do brincar. No primeiro estudo as autoras buscaram auxiliar estes profissionais, no sentido de transformar suas concepções sobre o brincar, a fim de sistematizar a utilização de atividades lúdicas na rotina hospitalar. Dessa forma, acreditam que as crianças deveriam brincar com outras crianças e com brinquedos comuns, em uma sala de recreação, enquanto no último artigo os profissionais defendem o espaço do brincar na hospitalização infantil, contribuindo para que (re) signifiquem o modelo tradicional de intervenção e cuidado destas crianças.

Soares e Zamberlan (2001), Aragão e Azevedo (2001) discutem a importância do brincar

para a criança hospitalizada. Ambos os estudos concluíram que as atividades lúdicas devem ser inseridas no ambiente hospitalar por auxiliar no desenvolvimento integral da criança, possibilitando a expressão de sentimentos.

Paula, Gil e Marcon (2002); Santos (2005); Duarte, Muller, Duarte e Bruno (1995) e Pedro, Nascimento, Poleti et al (2007) abordam o espaço do brincar em instituições hospitalares. Santos (2005) investiga as atividades lúdicas, tentando estabelecer uma relação entre brincadeira e atividade terapêutica, além da influência que a hospitalização e a condição do doente têm nas brincadeiras, nas formações grupais e nas interações das crianças. Finaliza afirmando que as atividades lúdicas nas brinquedotecas têm aspectos diferenciados do que diz a literatura, evidenciando a prevalência de jogos solitários e a pouca verbalização. Paula, Gil e Marcon (2002) analisam brinquedotecas de oito hospitais do Paraná. Diagnosticaram que cada brinquedoteca possui identidade própria, pois os hospitais têm concepções de criança, do brincar e da saúde diferenciada, afirmando assim, a importância do brinquedo no ambiente hospitalar, que funciona como o primeiro passo para a estruturação de projetos mais elaborados. Duarte, Muller, Duarte e Bruno (1995) tratam das experiências de enfermeiros e psicólogos ao introduzirem brinquedos na sala de recuperação de um hospital de Porto Alegre, buscando diminuir as reações de desconforto durante a recuperação. Sugerem aos profissionais a busca de recursos que contribuam para o aprimoramento da assistência às crianças hospitalizadas. Pedro et al (2007) tentam compreender a experiência do brincar para a criança e seu acompanhante na sala de espera ambulatorial. Neste contexto, o brincar mostra-se como uma efetiva estratégia de intervenção da enfermagem pediátrica, pois facilita a comunicação entre as crianças, acompanhantes e profissionais.

Martins, Ribeiro e Borba (2001), Oliveira, Dias e Roazzi (2003) verificam como os recursos lúdicos auxiliam as crianças a lidar com as emoções. No primeiro estudo as crianças submetidas à sessão de brinquedos tornaram-se mais cooperativas durante a punção venosa, compreendendo a necessidade do tratamento, exteriorizando o que sentiam e relacionando-se melhor com outras crianças e a equipe na qual conviviam, enquanto no segundo estudo foi feito um delineamento experimental com crianças, hospitalizadas ou não. Os autores mostram que a atividade lúdica modifica a regulação da emoção.

Almeida (2005), Mota e Enumo (2004) tiveram como sujeito de pesquisa crianças hospitalizadas com câncer, de 2 a 5 anos. Almeida (2005) utiliza o brinquedo terapêutico buscando compreender como vivenciam o luto e qual significado atribuem à morte. Constatou que as crianças não compreendem a morte como irreversível e peculiar aos seres vivos. Mota e Enumo (2004) avaliam a importância dada ao brincar por crianças internadas em um hospital de Vitória-ES. Descobriu que o brincar pode ser um recurso adequado para a adaptação.

Goulart e Sperb (2003) investigaram como crianças com asma constroem significados sobre sua doença. Os resultados evidenciaram que as narrativas no brincar apresentam uma estrutura peculiar, estas são explicadas pelas particularidades psíquicas das crianças.

Silva (2006) analisou questões pertinentes ao modo de funcionamento lúdico de crianças surdas, na fase inicial de aquisição da linguagem de sinais. Inferiu que é necessário refletir criticamente sobre as concepções de inclusão social, pois as crianças surdas demonstram em suas brincadeiras o desejo e a necessidade de participar da sociedade ouvinte.

Ramiro (2000) investigou a atividade lúdica de crianças com deficiência visual, com o objetivo de conhecê-la e transformar os jogos em instrumentos de avaliação psicológica.

Guglielmetti (1998); Caputo e Ferreira (2000); Saggese (1995); Vanderlei, Piva, Souza, Silva, Otuzi e Kikuchi (1996); Guimarães, Pereira e Emel (2002), investigam a presença no jogo no processo de organização das crianças com alguma necessidade especial. Guglielmetti (1998) abordou o “lugar da vida” em uma vertente teórica, privilegiando a questão da presença-

ausência. Caputo e Ferreira (2000) discutiram as contribuições das brincadeiras infantis na socialização e inclusão de crianças com Síndrome de Down em escolas de Educação Infantil, enfatizando que o brincar é uma linguagem universal que possibilita a expressão de pessoas, a comunicação de valores e a integração. Guimarães, Pereira e Emel (2002) fizeram um estudo comparativo entre crianças normais, com disfunções físicas e com retardo mental. Os resultados mostram que os brinquedos têm um grande potencial nas representações simbólicas, nas interações estabelecidas por cada criança e também no papel que o adulto exerce na relação com as crianças. Vanderlei et al (1996) utilizaram a sucata como recurso terapêutico com crianças portadoras de retardo neuropsicomotor. Saggese (1995) desenvolve uma estratégia que envolve crianças, familiares e pacientes internados no Instituto de Psiquiatria da UFRJ, visando preservar os laços familiares e comunitários do doente mental. Comprovaram que o contato diminui o preconceito contra o doente e previne dificuldades emocionais em seus filhos.

Meninos de rua

Um outro grupo de crianças se caracteriza não por sua condição de saúde, mas pelas condições socioeconômicas de sobrevivência. Esta temática é a mais inexpressiva em quantidade, mas não em importância, pois este tem sido um dos complexos problemas da contemporaneidade.

Menezes e Brasil (1999) pretendem elaborar um diagnóstico sobre a criança e o adolescente em situação de rua, no Distrito Federal. Em tal análise observaram aspectos psíquicos e sociais dos mesmos. As autoras concluem que os desenhos da criança e do adolescente revelaram dimensões regressivas e as considerações etnográficas apontaram que o espaço de rua constrói redes de alianças, de sustentação subjetiva e de organização da identidade. Assim, a realidade das crianças de rua é cheia de contradições, que se refletem também no trabalho de intervenção desenvolvido pelo educador social e de rua. As pesquisadoras ainda destacam que este educador precisa ficar atento para não mergulhar nos paradoxos das crianças. É necessário elaborar os obstáculos deste ofício.

Alves, Koller, Silva, Santos, Silva, Reppold e Prade (2001) discutem as relações entre brincar, trabalho, espaço e companhia em situações de atividades lúdicas, a partir do relato de crianças em situação de rua, em Porto Alegre. O resultado da pesquisa é surpreendente: grande parte das crianças de situação de rua mantém contato freqüente com a família; costumam possuir atividades de trabalho e escolares; relacionam o brincar com sentimento de alegria e prazer; utilizam as ruas próximas de casa para realizar atividades lúdicas; costumam ter como parceiros de brincadeiras outras crianças; desejam mais os brinquedos industrializados e os escolhem de acordo com o gênero.

Tfouni e Moraes (2003) refletem acerca das representações familiares em narrativa de ficção. As pesquisadoras indicaram que existe um jogo entre o mundo empírico e o idealizado: de um lado, os sujeitos pertenciam a famílias desestruturadas com parentes ausentes ou pais negligentes, por outro lado, as representações que fizeram da família baseavam-se em seus desejos.

Hikiji (2006) reflete sobre a atribuição do valor negativo ao tempo livre para crianças e adolescentes da camada social menos favorecida, bem como, a especificidade do tempo musical entre os mesmos sujeitos. De acordo com a autora, o tempo musical, que no princípio se caracterizava como um intervalo, transcendeu para a vida cotidiana.

Relações interpessoais

Cunha, Enumo e Canal (2006), Figueiredo e Schermann (2001), Cruz, Aguiar e Barros (2004) e Braz e Salomão (2002) avaliaram as interações em díades mãe-criança. Cunha, Enumo

e Canal (2006) concluem que a versão operacionalizada da Escala MLE apresenta-se como ferramenta útil à análise quantitativa e qualitativa desta interação. Figueiredo e Schermann (2001) investigaram se existem diferenças na relação mãe-filho com hipotireoidismo congênito, comparando o mesmo aspecto em crianças saudáveis. Observou também, se o comportamento infantil sofreria alterações nos mesmos sujeitos. As autoras perceberam que os dados não apresentaram diferenças significativas nas duas modalidades examinadas. Cruz, Aguiar e Barros (2004) concordam que a utilização da escala de avaliação dos estilos de ensino é uma medida importante e adequada para compreender o comportamento interativo entre eles. Braz e Salomão (2002) sinalizam a não existência de diferenças nas frequências de cenas de atenção conjunta das díades mãe-menina e mãe-menino.

Moreira, Assis e Santos (2004); Carvalho, Branco, Pedrosa e Gil (2002); Sager, Sperb, Roazzi e Martins (2003); Cavalcante, Ortega e Rodrigues (2005); além de Pontes e Magalhães (2002) discutem a relação criança-criança. Moreira, Assis e Santos (2004) acreditam que através da brincadeira as crianças podem representar o mundo ao qual pertencem. Carvalho, Branco, Pedrosa e Gil (2002), ao analisarem os dados, concluíram que por meio das categorias levantadas foi possível representar em gráficos e diagramas o fluxo de interação. Sager, Sperb, Roazzi e Martins (2003) descobriram que as crianças estabelecem mais interações do tipo associativa em ambientes maiores, e aquelas consideradas solitárias em lugares menores. Em relação ao brinquedo, também se constatou nos espaços mais abertos que a interação era maior. Concluiu-se que os pátios grandes favorecem as mais diversas interações entre as crianças. Cavalcante, Ortega e Rodrigues (2005) analisam situação de competição e não competição no jogo Matix. Os pesquisadores concluíram que existem sete categorias na situação de competição, porém na situação de não-competição houve uma variação dessas categorias, mostrando que a interação social de crianças está diretamente relacionada a situações que envolvam conflitos sócio-cognitivos.

Apenas o artigo de Civiletti e Moura (1997) enfoca simultaneamente a interação entre criança-criança e criança-professora, no qual buscaram refletir sobre a modalidade de brinquedos oferecidos em creches, bem como, problematizar a interação social entre as crianças na creche. As autoras concluíram ratificando as hipóteses de que os objetos de grandes proporções favorecem tanto a autonomia nas crianças quanto a interação entre as mesmas.

Gênero

Rodrigues Jr. (1988); Ribeiro (2006); Fagundes (1998); Carvalho, Beraldo, Santos e Ortega (1993); Bonamigo e Koller (1993); Souza e Rodrigues (2002); Silva, Pontes, Silva, Magalhães e Bichara (2006); além de Devreux (2006) investigam as identidades do feminino e masculino. O texto de Ribeiro (2006) tem por objetivo discutir a socialização infantil em relação à construção da sexualidade e à identidade de gênero reproduzida e re-elaborada pelas crianças. Bonamigo e Koller (1993) buscam verificar a influência dos estereótipos sexuais nos brinquedos infantis, considerando-se dois aspectos: preferência por determinados brinquedos e permissão que as crianças concediam ou não para utilização dos brinquedos estereotipados para o sexo oposto. As autoras revelam que houve diferenças sexuais entre meninos e meninas quanto à preferência por brinquedos e que não existiu distinção quanto à permissão dada para as crianças brincarem com esses brinquedos. Souza e Rodrigues (2002) investigam o papel das variáveis situacionais na regulação da segregação sexual durante as interações lúdicas. Concluem dizendo que os meninos apresentaram um padrão de comportamento mais agitado que o das meninas e que estas se mostraram mais calmas entre si e mais agitadas em dadas interações com eles. Afirmam também que várias foram as aproximações entre meninos e meninas e as interações amigáveis entre ambos. Silva et al (2006) investigam brincadeiras de crianças/adolescentes na

rua. Constataram que existem diferenças de gênero quanto à participação na rua e há variedade de subcultura lúdica. Observou-se também, a predominância dos meninos na rua, segregação e tipificação sexual nas brincadeiras e maior penetração das meninas na subcultura masculina. Carvalho et al (1993) investigam as percepções e diferenças de gênero nas brincadeiras de crianças, enquanto Fagundes (1998) examina as restrições impostas às meninas. Devreux (2006) investiga os papéis sexuais e a divisão do trabalho na família, bem como, a redefinição das responsabilidades profissional e familiar de cada um. Ela acredita que, com esta pesquisa, abrirá espaço para novas reflexões sobre a temática. Rodrigues Jr.(1988) investiga questões relacionadas à sexualidade, jogos e relações pais-filho.

Leite (2002) traz alguns pontos sobre as questões de gênero na área rural, em especial, o papel do jogo e da brincadeira na vida dos sujeitos que lá habitam. Este artigo, diferente dos outros, tem como sujeito da pesquisa apenas meninas e contexto rural.

Campos, Yukumitsu, Fontealba e Bomtempo (1994); Hoff e Wechsler (2002) analisam a relação entre gênero e jogos eletrônicos. Campos, Yukumitsu, Fontealba e Bomtempo (1994) apresentam resultados que indicam uma preferência por jogos de ação e de conteúdo agressivo entre os meninos, independente da faixa etária e da escolaridade. Hoff e Wechsler (2002) obtiveram como resultado que os meninos jogavam mais do que as meninas, mas, nos dois sexos, o tempo investido decresceu com a maior instrução. Entre os meninos destacaram-se: tempo de jogo sob controle heterônomo (pais) ou autônomo; preferência dos mais novos por jogo de esporte ou ação e dos mais velhos, por esporte, diferentemente dos resultados apresentados no texto anterior, em que a preferência era por jogos de conteúdos agressivos, os determinantes principais das preferências foram desafios/exigências de estratégias e conteúdos do jogo. Para as meninas predominaram o controle autônomo do tempo de jogo e seu grau de motivação; não se revelaram preferências claras por diferentes tipos de jogos, mas desafios/exigências de estratégias e diversão/interesse despertados foram as principais razões de preferências individuais.

Como se pode observar, as pesquisas nas bases de dados *Index Psi* e *SciELO* sobre jogo mostraram que as atividades lúdicas encontram-se presentes em vários aspectos da vida infantil. O ato de brincar constitui-se como um valioso instrumento de compreensão: de episódios de agressividade; da relação de gênero, criança-criança e criança-adulto; das crianças em situação de rua e, ainda, como recurso terapêutico.

Observou-se que o jogo é um objeto, uma atividade infantil espontânea, que além de favorecer o desenvolvimento do sujeito, possibilita também que este construa e reinvente a cultura da qual faz parte. O sujeito, através do brincar, tanto aprende a cultura, quanto a transforma.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Fabiane. Lidando com a morte e o luto por meio do brincar: a criança com câncer no hospital. **Boletim de Psicologia**, julho-dezembro 2005, 123 (55), p.149-167.

ALVES, Paola; KOLLER, Sílvia; SILVA, Milena; SANTOS, Clarisse; SILVA, Aline; REPPOLD, Caroline; PRADE, Luciano. Brinquedo, trabalho, espaço e companhia de atividades lúdicas no relato de crianças em situação de rua. **Psico: Revista Semanal da Faculdade de Psicologia da PUCRS**, julho-dezembro 2001. 2 (23), p.47-71.

ARAGÃO, Rita; AZEVEDO, Maria. O brincar no hospital: análise de estratégias e recursos lúdicos utilizados por crianças. **Estudos de Psicologia**, setembro-dezembro 2001, 3 (18), p.33-42.

ARAÚJO, Mairce; PÉREZ, Carmen. Um jogo de luz e de sombras: lógicas de ação no cotidiano escolar. **Revista Brasileira de Educação**, dezembro 2006, 11 (33), p.461-469.

BONAMIGO, Luciane; KOLLER, Silvia. Opinião de crianças quanto à influência da estereotipia sexual nos brinquedos. **Estudos de Psicologia (Campinas)**, maio-agosto, 1993, 2 (10), p.21-40.

BRAZ, Fabíola; SALOMÃO, Nádia. Episódios de atenção conjunta em um contexto de brincadeira livre. **Interações: Estudo e Pesquisa em Psicologia**, julho-dezembro 2002, 14 (7), p.85-104.

CAMPOS, Luís; YUKUMITSU, Maria; FONTEALBA, Lúcia; BOMTEMPO, Edda. Videogame: um estudo sobre as preferências de um grupo de crianças e adolescentes. **Estudos de Psicologia (Campinas)**, setembro 1994, 3 (11), p.65-72.

CAPUTO, Maria; FERREIRA, Danielle. Contribuições das brincadeiras infantis na socialização e inclusão de crianças com Síndrome de Down. **Temas sobre Desenvolvimento**, setembro-outubro 2000, 9 (52), p.25-30.

CARVALHO, Ana; BERALDO, Katharina; SANTOS, Fátima e ORTEGA, Rosário. Brincadeiras de menino, brincadeiras de menina: um estudo comparativo de percepções e diferenças de gênero em crianças. **Psicologia: Ciência e Profissão**, 1993, 1-4 (13), p.30-33.

CARVALHO, Ana; BRANCO, Ângela; PEDROSA, Maria; GIL, Maria. Dinâmica internacional de crianças em grupo: um ensaio de categorização. **Psicologia em Estudo**, julho-dezembro 2002, 2 (7), p.91-99.

CARVALHO, Ana; SMITH, Peter. Playfighting, playchasing and affiliation in 5 year old children: a contribution to the discussion of functional implications of playbehaviour. **Biotemas**, 1996, 1 (9), p.19-37.

CAVALCANTE, Christiany; ORTEGA, Antonio; RODRIGUES, Maria. A interação social de crianças no jogo de regras. **Arquivos Brasileiros de Psicologia**, janeiro-dezembro 2005, 1 / 2 (57), p.28-45.

CIVILETTI, Maria e MOURA, Maria. Brinquedos e interação social entre pares em creche. **Arquivos Brasileiros de Psicologia**, 1997, 3 (49), p.89-101.

CRUZ, Orlanda; AGUIAR, Cecília; BARROS, Sílvia. Escala de avaliação dos estilos de ensino: qualidades psicométricas dos dados. **Psicologia USP**, julho-dezembro 2004, 2 (9), p.165-171.

CRUZ, Tânia; CARVALHO, Marília. Jogos de gênero: o recreio numa escola de ensino fundamental. **Cadernos Pagu**, junho 2006, 26, p.113-143.

CUNHA, Ana; ENUMO, Sônia; CANAL, Cláudia. Operacionalização de escala para análise de padrão de mediação materna: um estudo com díades mãe-criança com deficiência visual. **Revista Brasileira de Educação Especial**, setembro-dezembro 2006, 12 (3), p.393-412.

DE CONTI, Luciene e SPERB, Tânia. O brinquedo de pré-escolares: um espaço de ressignificação cultural. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, janeiro-abril, 2001, 1 (17), p.59-67.

DEVREUX, Anne. A paternidade na França: entre igualização dos direitos parentais e lutas ligadas às relações sociais de sexo. **Sociedade e Estado**, setembro-dezembro, 2006, 21 (3), p.607-624.

DUARTE, Ana; MULLER, Ana; DUARTE, Erica; BRUNO, Sonia. A utilização do brinquedo na sala de recuperação. **Alethéia: Revista do Curso de Psicologia**, janeiro-junho 1995, 1, p.46-54.

FAGUNDES, Tereza. “Menina não entra, menina não pode” o lúdico e a construção da identidade. **Revista Brasileira de Sexualidade Humana**, janeiro-junho, 1998, 9 (1), p.57-69.

FARIA, Ana. A contribuição dos parques infantis de Mário de Andrade para a construção de uma pedagogia da educação infantil. **Educação e Sociedade**, dezembro 1999, 20 (69), p.60-91.

FIGUEIREDO, Carla; SCHERMANN, Lígia. Interação mãe-criança e problemas de comportamento infantil em crianças com hipotireoidismo congênito. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, 2001, 14 (3), p.487-495.

FRIEDMANN, Adriana. Jogos tradicionais. **Idéias**, 1990, (7), p.54-61.

FUJISAWA, Dirce; MANZINI, Eduardo. Formação acadêmica do fisioterapeuta: a utilização das atividades lúdicas nos atendimentos de crianças. **Revista Brasileira de Educação Especial**, janeiro-abril 2006, 12 (1), p.65-84.

GOMIDE, Paula. A influência de filmes violentos em comportamento agressivo de crianças e adolescentes. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, 2000, 13 (1), p.127-141.

GOULART, Cláudia; SPERB, Tânia. Histórias de criança: as narrativas de crianças asmáticas no brincar. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, 2003, 2 (16), p.355-365.

GUIMARÃES, Alexandra; PEREIRA, Elaine; EMEL, Maria. A brincadeira simbólica nas situações lúdicas de crianças com necessidades especiais e crianças normais. **Temas sobre Desenvolvimento**, maio-junho 2002, 62 (11), p.5-13.

GUGLIELMETTI, Marize. A “presença-ausência” em jogo nas crianças psicóticas e autistas. **Estilos da Clínica: Revista sobre Infância com Problema**, julho-dezembro 1998, 3 (5), p.34-45.

HIKIJ, Rose. Música para matar o tempo intervalo, suspensão e imersão. **Mana**, abril 2006, 12 (1), p.151-178.

HOFF, Miriam; WECHSLER, Solange. A prática de jogos computadorizados em um grupo de adolescentes. **Estudos de Psicologia (Campinas)**, maio-agosto 2002, 2 (19), p.59-77.

HUIZINGA, Johan. **Homo Ludens: O jogo como elemento da cultura**. 4ª ed. São Paulo: Editora Perspectiva, 1993.

KIKUCHI, Rosa. A utilização da sucata em ludoterapia no tratamento de crianças portadoras de retardo neuropsicomotor. **Temas sobre Desenvolvimento**, julho-agosto 1996, 5 (27), p.33-37.

KISHIMOTO, Tizuko. Brinquedos e materiais pedagógicos nas escolas infantis. **Educação e Pesquisa**, julho-dezembro 2001, 27 (2), p.229-245.

LEITE, Maria. Brincadeira de menina na escola e na rua: reflexões da pesquisa no campo. **Cadernos CEDES**, abril 2002, 22 (56), p.63-80.

MARTINS, Maria; RIBEIRO, Circéa; BORBA, Regina et al. Protocolo de preparo da criança para punção venosa, com utilização de brinquedo terapêutico. **Revista Latino-Americana de Enfermagem**, março-abril 2001, 9 (2), p.76-85.

MEIRA, Ana. Benjamin, os brinquedos e a infância contemporânea. **Psicologia e Sociedade**, jul./dez, 2003, 2 (15), p.74-87.

MELLO, Catia; GOULART, Claudia; EW, Raquel; MOREIRA, Ana; SPERB, Tânia. Brincar no hospital: assunto para discutir e praticar. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, janeiro-abril 1999, 1 (15), p.65-73.

MENEZES, Deise; BRASIL, Kátia. Dimensões psíquicas e sociais da criança e do adolescente em situação de rua. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, 11 (2), p.327-344.

MITRE, Rosa; GOMES, Romeu. A promoção do brincar no contexto da hospitalização infantil como ação de saúde. **Ciência e Saúde Coletiva**, 2004, 9 (1), p.147-154.

MORAES, Maria e; CARVALHO, Ana. Faz-de-conta: temas, papéis e regras na brincadeira de crianças de quatro anos. **Boletim de Psicologia**, janeiro-dezembro 1994, 10/101 (44), p.21-30.

MOREIRA, Sebastião; ASSIS, Carmen; SANTOS Waldete. A brincadeira do faz-de-conta no desenvolvimento psicossocial da criança de três a seis anos e estudo de gênero. **Escritos sobre Educação**, janeiro-junho 2004, 1 (3), p.41-50.

MOTTA, Alessandra; ENUMO, Sônia. Brincar no hospital: estratégia de enfrentamento da hospitalização infantil. **Psicologia em Estudo**, janeiro-abril 2004, 9 (1), p.19-28.

OLIVEIRA, Sânela; DIAS, Maria; ROAZZI, Antonio. O lúdico e suas implicações nas estratégias de regulação das emoções em crianças hospitalizadas. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, 2003, 1 (16), p.1-13.

PACHECO, Lílían; PEREIRA, Flávia; SANTOS, Litza. O tema jogo infantil no periódico *Pro-Posições*. Painel apresentado no V CONPSI - Congresso Norte Nordeste de Psicologia. Maceió/AL, 23 a 26 de maio de 2007, endereço eletrônico: http://www.conpsi5.ufba.br/modulos/consulta&relatorio/rel_visualiza_atividades.asp?ati_codigo=9826

PAULA, Ercília; GIL, Juliana; MARCON, Andressa. Brinquedotecas em hospitais: uma conquista nova, para novos tempos. **Temas sobre Desenvolvimento**, maio-junho 2002, 62 (11), p.23-32.

PEDRO, Iara; NASCIMENTO, Lucila; POLETI, Livia et al. O brincar em sala de espera de um ambulatório infantil na perspectiva de crianças e seus acompanhantes. **Revista Latino-Americana de Enfermagem**, março-abril 2007, 15 (2), p.290-297.

PENTEADO, Regina; SEABRA, Mônica e; BICUDO-PEREIRA, Isabel. Ações educativas em saúde da criança: o brincar enquanto recurso para participação da família. **Revista Brasileira de Crescimento e Desenvolvimento Humano**, jan./dez. 1995, 6 (1/2), p.49-56.

PONTES, Fernando e MAGALHÃES, Celina. A estrutura da brincadeira e a regulação das relações. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, agosto 2002, 18 (2), p.213-219.

PONTES, Fernando e MAGALHÃES, Celina. A transmissão da cultura da brincadeira: algumas possibilidades de investigação. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, 2003, 16, p.117-124.

RAMIRO, Vanda. O brincar da criança cega: um estudo psicológico sobre a atividade lúdica de crianças deficientes visuais. **Boletim da Sociedade Rorschach**, janeiro-dezembro. 2000, 1 (10), p.77-93.

RIBEIRO, Jucélia. Brincadeiras de meninas e de meninos: socialização, sexualidade e gênero entre crianças e a construção social das diferenças. **Cadernos Pagu**, junho 2006, 26, p.145-168.

RODRIGUES JR., Oswaldo Martins. A masturbação e jogos sexuais infantis. **Revista Brasileira de Pesquisa em Psicologia**, dezembro 1988, 1 (1), p.36-38.

SAGER, Fábio; SPERB, Tânia. O brincar e os brinquedos nos conflitos entre crianças. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, 1998, 11 (2), p.309-326.

SAGER, Fábio; SPERB, Tânia; ROAZZI, Antonio; MARTINS, Fernanda. Avaliação da interação de crianças em pátios de escolas infantis: uma abordagem da psicologia ambiental. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, 2003, 1 (16), p.203-215.

SAGGESE, Edson. Projeto brincar. **Jornal Brasileiro de Psiquiatria**, abril 1995, 44 (4), p.185-187.

SANTOS, Elder. Brinquedoteca no hospital: Uma ilha de alegria. **Encontro: Revista do Curso de Psicologia da UNI-A**, janeiro-junho 2005, 11 (9), p.29-40.

SILVA, Daniele. Surdez e inclusão social: o que as brincadeiras infantis têm a nos dizer sobre esse debate? **Cadernos CEDES**, maio-agosto 2006, 26 (69), p.121-139.

SILVA, Lúcia; PONTES, Fernando; SILVA, Sarah; MAGALHÃES, Celina; BICHARA, Ilka. Diferenças de gêneros nos grupos de brincadeiras na rua: a hipótese de aproximação unilateral. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, janeiro-abril 2006. 1(19), p.114-121.

SOARES, Maria; ZAMBERLAN, Maria. A inclusão do brincar na hospitalização infantil. **Estudos de Psicologia (Campinas)**, maio-agosto 2001, 2 (18), p.64-69.

SOUZA, Fabrício; RODRIGUES, Maria. A segregação sexual na interação de crianças de 8 a 9 anos. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, setembro 2002, 3 (15), p.489-496.

TFOUNI, Leda; MORAES, Juliana. A família narrada por crianças e adolescentes de rua: a ficção como suporte do desejo. **Psicologia USP**, 2003, 14 (1), p.65-84.

TORRES, Izilda; MEYER, Sonia. O brinquedo como instrumento auxiliar para a análise funcional em terapia comportamental infantil. **Interação (Curitiba)**, janeiro-junho 2003, 1 (7), p.55-63.

VANDERLEI, Luiz; PIVA, Lucia; SOUZA, Cristiane; SILVA, Fábila; OTUZI, Juliana; KIKUCHI, Rosa. A utilização da sucata em ludoterapia no tratamento de crianças portadoras de retardo neuropsicomotor. **Temas sobre Desenvolvimento**, julho-agosto 1996, 5 (27), p.33-37.